

## **Molusco chinês ameaça ambiente e produção no Brasil**

### **Mexilhão dourado chegou em navios e infestou rios e reservatórios no Sul. Sete ministérios foram mobilizados para combatê-lo.**

Evanildo da Silveira - Jornal O Estado de São Paulo  
18 de Março de 2004

São Paulo - O bichinho é pequeno - não tem mais do que 4cm - e vem de longe, mas é capaz de fazer um estrago considerável. É o mexilhão dourado (*Limnoperna fortunei*), um pequeno molusco de água doce, originário do sul da Ásia, que chegou ao Brasil em 1998 e já infestou rios, lagos e reservatórios da Região Sul e do Pantanal e começa a ser detectado em São Paulo.

Além de desequilibrar os nichos ecológicos aos quais chegou, pondo em risco de extinção espécies nativas, o invasor ameaça o setor elétrico brasileiro, a agricultura irrigada, a pesca e o abastecimento de água.

Com a capacidade de se incrustar em qualquer superfície submersa, como madeira, rocha, plástico e até vidro, essa espécie exótica está causando um problema tão grave que o Ministério do Meio Ambiente (MMA) teve de agir. Em 22 de dezembro, editou a Portaria n.º 494, que criou uma força-tarefa nacional (FTN), composta por representantes de 7 ministérios e 13 entidades ligadas aos setores de geração de energia, abastecimento e meio ambiente, para pesquisá-lo e tentar controlá-lo.

"A primeira ação da FTN é elaborar um diagnóstico dos problemas causados pelo mexilhão dourado, verificando até onde ele já chegou", diz Robson José Calixto, assessor para o controle de poluição marinha do MMA. "O que deverá estar concluído até o dia 22 de abril."

#### Lastró de navio

A história do mexilhão dourado na América do Sul começou em 1991, quando ele foi detectado pela primeira vez no Rio da Prata, próximo de Buenos Aires. O molusco bivalve (com duas conchas, que se fecham) chegou até ali na água de lastro de navios vindos do Oriente.

No Brasil, sua presença foi registrada pela primeira vez em 98, no Delta do Rio Jacuí, próximo a Porto Alegre. Em 99, foi detectado no Rio Guaíba, no qual o Jacuí desagua, e na hidrelétrica paraguaio-argentina de Yacyretá, no Rio Paraná. Em abril de 2001, foi encontrado numa das tomadas de água (compartimentos anteriores às turbinas) da barragem de Itaipu, 400 quilômetros acima de Yacyretá.

"Encontramos numa inspeção de rotina", explica a farmacêutica bioquímica Leonilda Correia dos Santos, responsável técnica pelo Laboratório Ambiental da Itaipu Binacional. "Desde então estamos estudando e acompanhando o mexilhão dourado. Além dos problemas que pode causar à hidrelétrica, queremos saber se há risco de causar doenças."

#### Proliferação incrível

A equipe pôde observar sua incrível proliferação. "Em abril de 2001, a densidade do mexilhão em Itaipu era de dois indivíduos por metro quadrado", diz Leonilda. "Em setembro passado, encontramos numa tomada de água uma concentração de 184 mil mexilhões por metro quadrado."

"O Limnoperna fortunei se espalha ao espantoso ritmo de 240 quilômetros por ano", afirma o biólogo Rodrigo De Filippo, da equipe da Furnas Centrais Elétricas dedicada a pesquisar o mexilhão. Leonilda conta que o número reduziu-se um pouco em Itaipu e garante que ainda não há risco de redução na capacidade de gerar energia. "O único problema até agora é que tivemos de aumentar o número de manutenções preventivas."

Situação bem mais grave está enfrentando o Departamento Municipal de Água e Esgoto (DMAE) de Porto Alegre. "Em todas as nossas oito estações de captação de água no Rio Guaíba há colônias incrustadas nas tubulações", explica o biólogo Márcio Suminsky. Essas colônias chegam a tomar até 100 metros de canos, prejudicando a vazão. "Começamos a detectar essa perda de vazão no fim de 2000", conta.

Hoje, o DMAE tem de contratar mergulhadores, que inspecionam a tubulação e removem as colônias de dois em dois meses. Em incrustações maiores, é usado sulfato de cobre, que mata os animais. "Às vezes, a quantidade é tão grande, que temos de usar contêineres para transportá-las até um aterro sanitário" diz Suminsky.

Link para o site [estadao.com.br](http://www.estadao.com.br)

<http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2004/mar/18/75.htm>



FONTE: Instituto Hórus de Desenvolvimento e Conservação Ambiental  
[www.institutohorus.org.br](http://www.institutohorus.org.br)